

CAPÍTULO XVIII – CIDADÃ DOS DOIS MUNDOS

Naquela noite, Marozia teve uma experiência que jamais esqueceu. Após a partida de Claude, ela permaneceu sentada por um longo tempo, refletindo sobre o ocorrido — imaginando qual seria o desfecho de seus destinos entrelaçados. Naquela noite, ele lhe dera uma pequena moeda hindu, partida ao meio — uma metade para cada um —, afirmando que ela possuía um certo significado oculto. Ela a aceitara com desinteresse, agradecendo-lhe apenas pelo interesse demonstrado naquela fase de seu desenvolvimento, embora pouco se importasse com fenômenos ocultos. Ela havia se dedicado aos Ensinos Rosacruzes com um propósito sincero, mas o que buscava, de fato, era o desabrochar espiritual.

Seu desejo era que, ao conseguir contatar os planos superiores, fossem os Mundos espirituais, e não apenas a Região próxima ao plano físico, a Região Etérica do Mundo Físico, onde os fenômenos abundam. Ela sabia que precisava viver a vida de Cristo, seguir Seus ensinamentos e desenvolver todas as belas virtudes espirituais da alma, a fim de poder transitar com segurança por esses Mundos invisíveis. Por isso, esforçava-se diariamente para tecer aquele belo “vestido dourado de núpcias” – o Corpo-Alma – que Ela, sabedora que é um Ego, deveria vestir para ascender a esses Mundos espirituais gloriosos de luz e harmonia.

Ela ainda segurava, de forma mecânica, a metade da moeda enquanto se entregava a uma reflexão sobre o passado. De repente, ocorreu-lhe examinar os símbolos peculiares gravados na peça; ao debruçar-se para estudar aqueles caracteres estranhos, um súbito desfalecimento a acometeu. Ela recostou-se nas almofadas do divã quando, sentindo tudo girar, a escuridão tomou conta de sua visão. Sua alma parecia desprender-se do Corpo Denso com um solavanco violento, acompanhado por uma náusea indescritível. Em meio a tudo isso, o rosto de Claude surgiu, marcado por uma expressão de triunfo

hediondo, semelhante a um sorriso demoníaco. Ela tentou escapar daqueles olhos terríveis, mas eles pareciam atrair sua alma, compelindo-a. Pareceu durar uma eternidade — a tortura era indescritível. Ela parecia não ter meios de escapar, até que, na angústia do desespero, clamou a Cristo por socorro. Subitamente, a coisa terrível que a dominava dissipou-se, e uma Presença radiante a envolveu — algo que se sentia mais do que se via. Quando ela retornou ao seu Corpo Denso, causando-lhe um choque angustiante, uma voz prateada proferiu estas palavras: “Este é o resultado de magia negra! Cuidado!”.

Ela não dormiu naquela noite — sentia-se profundamente debilitada pela experiência terrível, mas sua Mente permanecia intensamente alerta. Refletiu longa e profundamente sobre o incidente misterioso, sem, contudo, conseguir compreendê-lo. O Swami, com quem Claude havia estabelecido uma aliança, poderia tê-la esclarecido sobre o significado daquilo. Sua aversão por Claude, no entanto, tornava-se cada vez mais intensa com o passar das horas. Ela gemia baixinho, repetidas vezes: “Oh, meu querido, querido pai, eu daria a vida por ti — e sinto que é isso que acontecerá. Isto vai me matar, mas preciso seguir em frente, por sua causa.”

Ao amanhecer, ela estava doente demais para se levantar. Ao notar a angústia do pai, tentou sorrir com sua habitual vivacidade, mas quase perdeu a consciência no esforço. Seu pai ficou profundamente alarmado; Marozia jamais havia adoecido e, por isso, a situação causou-lhe uma consternação indescritível. O medo que sentia era ainda maior devido à causa daquela estranha enfermidade.

Mais tarde, naquele dia, Ralph Remington foi à loja e à agência dos correios, retornando com uma carta enviada de Nova York. Ao abri-la e examinar seu conteúdo, um grito de alegria, contido e súbito, escapou-lhe dos lábios. “Oh,

minha querida filha, eu jamais esperava por isso! Agora, minha pequena vai se recuperar. Ouça só.”. Ele leu em voz alta:

Prezado Sr. Remington:

Há alguns anos, o senhor lançou seu pão sobre as águas. Naquela época, parecia um gesto inútil e insensato, mas seu grande coração falou mais alto que o seu bom senso, e o senhor arriscou. A pessoa que recebeu sua ajuda prosperou e, por meio desta, envia uma ordem de pagamento referente ao empréstimo que lhe foi concedido, acrescido de juros. O projeto que o senhor financiou, movido pela bondade do seu coração, revelou-se um sucesso; agora, qualquer auxílio material que eu possa lhe oferecer será um privilégio. Por favor, disponha de mim.

Soube, por intermédio da Sra. Morton, que o senhor escreveu um livro e deseja lançá-lo no mercado. Tenho certa influência junto a uma editora de Nova York e, além da questão financeira, terei o maior prazer em ajudá-lo de qualquer outra forma. Na esperança de poder ser-lhe útil e, assim, retribuir, ao menos em parte, a dívida de gratidão que tenho para com o senhor, subscrevo-me,

Atenciosamente,

Lyman J. Armstrong

Ambos permaneceram em silêncio, transbordando de alegria. Por fim, ela disse: — “Oh, pai! Agora o senhor pode publicar seu livro imediatamente! Estou tão feliz. Sinto-me bem agora”.

— “Deus é muito bom conosco”, murmurou ele, com os olhos brilhando suavemente. Com um salto repentino do coração, Marozia lembrou-se, de

súbito, de sua relação com Claude Rathburn. Todos os laços pareceram, de repente, superados — houve um impulso rápido e intenso em direção à liberdade.

— “Oh, querido pai, agora não preciso mais me casar. Posso ficar com o senhor, e o senhor poderá realizar o seu sonho”.

As palavras escaparam-lhe involuntariamente, sob o impacto de sua maravilhosa libertação da miséria avassaladora em que vivia aprisionada. Arrependeu-se de tê-las dito ao notar, no olhar do pai, uma expressão de agonia e espanto.

— “Minha filhinha... oh, minha.... Minha pequena — não é possível que você tenha feito isso por mim... que não tenha sido por sua própria vontade que você entrou nesta união? Oh, Marozia, certamente você não teria dado um passo desses se não fosse por um impulso do seu próprio coração. Não consigo acreditar.”.

Suas palavras, carregadas de um espanto doloroso, foram como um espelho diante da alma dela; e, pela primeira vez, ela compreendeu a dimensão do que havia feito.

— “Perdoe-me, meu pai, mas eu não suportava mais vê-lo sofrer. Pensei que, com o tempo, poderia vir a amá-lo. Eu pretendia ser boa para ele. Não pense mal de mim, papai querido! Eu amo tanto o senhor!”.

Ele pousou a mão sobre a cabeça dela, em um gesto de bênção.

— “Que Deus a abençoe, minha filha querida — minha pequena Marozia!”.

A Sra. Morton aproximava-se pelo caminho ladeado de flores, acompanhada por um desconhecido; quando Ralph Remington deu um passo à frente para saudá-la, ela apresentou o Sr. Arlington.

Os dias que se seguiram foram repletos de experiências maravilhosas entre esses amigos de longa data que haviam se reencontrado. Durante o ano em que estudou em Utica, Marozia conhecera o Sr. Arlington apenas como professor. Agora, passava a conhecê-lo como amigo, no sentido mais profundo e rico que essa palavra sagrada pode conter. Ela se via maravilhada diante da beleza mística da grande alma dele, que se revelava dia após dia, à medida que a intimidade entre ambos crescia. Naquela alma diante dela, existia um mundo de vida pulsante, de movimentos complexos de pensamento, de uma sensibilidade aguçada para a essência sutil das correntes etéricas — e, mais do que apenas sensibilidade, havia o poder de um mestre, capaz de controlar e moldar essas correntes e as forças que as sustentavam.

Sua visão era tão ampla, sua percepção tão rápida e penetrante, e seus impulsos e ideais tão elevados e sublimes, que pareciam pertencer mais à vida cósmica do que à existência individual.

Se Marozia se sentia admirada diante da grandeza e da beleza da alma dele, ele, por sua vez, surpreendia-se igualmente ao descobrir a alma dela. Jamais imaginara encontrar em uma mulher o que encontrou nela; e, certo dia, percebeu subitamente que precisava partir o quanto antes — pois descobrira que ela estava noiva de Claude.

Ele combinou com Ralph Remington que este o visitaria em breve para tratar de questões relacionadas ao novo projeto — que deveria ser realizado sem mais demora — e, em seguida, retornou a Utica.

Então, uma alternância de esperança e medo, arrebatamento e pesar — um êxtase que era agonia, e uma agonia que era a própria essência sublimada da alegria — varreu sua alma, como o bater de asas poderosas através de profundezas infinitas. Marozia, enfim, amava — com todo o seu coração e toda a sua alma —, embora não o soubesse. Ela percebia que, sempre que o

rosto de Claude surgia em sua Mente, a repulsa tornava-se mais intensa, mais angustiante.

Certo dia, Sarah percorreu o caminho ladeado de flores, movida por uma intenção maliciosa que a impelia a uma agitação febril. Estava decidida a vingar-se e, com um desespero... Nascida de esperanças despedaçadas e de um coração esmagado, ela revelou sua missão perversa.

Deleitou-se em um triunfo diabólico — que, por um momento, aplacou sua dor —, enquanto descia, entre corridas e tropeços, a longa colina sinuosa, seguindo pela trilha poeirenta que levava à pequena casa perto do moinho.

— “Agora”, exclamou ela, em voz baixa e entre os dentes cerrados, — “chegou a vez dela, de verdade! Se eu não posso tê-lo, ela também não poderá!”

Sarah ficou atônita com o desfecho. Em vez da consternação e do desespero que ela havia imaginado tão vividamente, uma luz súbita e radiante iluminou o rosto daquela que ela considerava sua inimiga. Sarah dera a entender que ele era seu amante, e o coração de Marozia libertou-se, transbordando de alívio. Em meio a esse alívio avassalador, ela nem sequer pensou em sua própria situação, na confiança mal depositada ou na aliança degradante em que se envolvera.

Segurando as mãos de Sarah — que resistia ao contato —, ela exclamou, entusiasmada:

— “Estou tão feliz, Sarah! Você pode se casar com ele, e a Villa será o seu lar!”.

Sarah sentiu-se envergonhada; sabia que aquilo era impossível e que fracassara em seu objetivo de humilhar Marozia. Gaguejou, sem convicção:

— “Bem, de qualquer forma, ele não vai se casar comigo..., mas eu só queria que você soubesse!”

— “Mas ele precisa se casar, se foi isso que ele a levou a acreditar!”

Um lampejo súbito de esperança feroz, de paixão visceral, de uma ousadia desenfreada, atravessou a consciência reprimida de Sarah.

— “Você acha que ele se casaria?”.

Então, ao recordar o último encontro deles no caminho do pomar, um calafrio angustiante percorreu-lhe o corpo, e a esperança se esvaiu. Ela virou-se, desanimada; mas, logo em seguida, um pensamento atravessou-lhe a Mente. Voltando-se para Marozia, perguntou — com uma ferocidade contida que clamava por uma válvula de escape:

— “Você vai se casar com ele?”.

A pergunta repentina trouxe de volta à consciência de Marozia a natureza de sua relação com ele — relação que, até então, estava fora de seu foco, voltado inteiramente para o papel de Sarah na situação. Uma onda de vergonha tingiu-lhe o rosto de rubor, e um constrangimento doloroso apoderou-se dela por um instante, à medida que aquela pergunta direta — feita de maneira tão crua, tão grosseira — despertava uma enxurrada de lembranças. Com um ímpeto repentino, ela declarou:

— “Não, Sarah, eu não vou me casar com ele.”

Ao ficar sozinha, a sensação de ter sofrido uma injustiça pessoal tornou-se avassaladora. Ganhou uma dimensão proporcional à grandeza e à nobreza de sua alma. Com um horror que a fez estremecer, ela encarou a situação por inteiro; e, de súbito, uma onda de compaixão por Sarah inundou-lhe a alma e ela transcendeu seu próprio sentimento de ter sido injustiçada. Sua alma foi

momentaneamente glorificada pelo crisma sagrado, e seu rosto resplandeceu com uma luz suave e terna. Naquele momento, sua maior preocupação era com Sarah; contudo, mais tarde — à medida que ascendesse ainda mais em sua busca pela Verdade e Beleza Absolutas —, ela compreenderia que Claude Rathburn era, na verdade, alguém ainda mais digno de compaixão do que Sarah.

À medida que avançamos e subimos em direção ao patamar do Ideal absoluto — Cristo —, a pantomima insensata da experiência humana — com suas fraquezas, tolices e pecados — torna-se algo irreal e distante para a alma ávida, cuja visão está voltada para as estrelas.

O mal — esse mal de semblante hediondo que se agarra ao coração fraco e egoísta — e o diabólico pequeno demônio do “eu inferior”, que habita em nosso interior clamando incessantemente “Eu... eu!”, revelam-se como os únicos inimigos; o ofensor, por sua vez, não passa de uma pobre vítima de si mesmo. Quando, enfim, a Luz — aquela que jamais se viu sobre a terra ou o mar — irrompe na alma exausta pela escalada, apenas as verdades eternas permanecem, nítidas e precisas em seu esplendor etéreo.

A Chama que, então, varre as profundezas do ser consome — não a alma, mas o “eu inferior” impostor.

Naquele momento de reflexão, ela percebeu claramente que todos os seus laços com Claude — laços que remontavam a um passado distante — haviam sido rompidos. Ela quitara sua dívida perante a Lei de Deus e estava, agora, livre para sempre de quaisquer obrigações para com ele. Não precisaria mais encontrá-lo, em vida alguma, pois, por meio de seu sacrifício no altar do amor, ela havia extinguido todas as suas antigas obrigações para com ele. Isso lhe custara muito, visto que ela vivia em um plano superior ao da maioria das entidades e, portanto, oferecia mais a partir dessas esferas mais elevadas.

Enquanto Marozia atravessava sua experiência de fogo — tornada duplamente angustiante pela visão constante do rosto do Sr. Arlington no âmago daquela fornalha —, Sarah encontrava-se a sós com o Sr. Morton na reitoria. Como resultado dessa conversa, obteve-se de Sarah a promessa de que, no retorno de Claude Rathburn, ela romperia seus vínculos com ele e passaria a residir na reitoria. Agora, era fácil para ela prometer isso, ciente de que sua permanência na Villa já não era sustentável nem garantida. Seria um tormento continuar ali, sob o teto do homem que a havia rejeitado e humilhado. Ela não voltaria para a casa da Sra. Gregory; portanto, a oferta de um lar feita pela Sra. Morton representava uma via de escape de sua situação insuportável.

Depois que o conflito interior de Marozia deu lugar à sua habitual serenidade — e após ter escrito e enviado a carta a Claude Rathburn, na qual exigia ser liberada de seu compromisso com ele —, ela retornou para concluir um trabalho de cópia para o pai.

A brisa morna, que soprava sobre os prados perfumados, entrava pela janela aberta e agitava as folhas soltas sobre a escrivaninha. Ao reorganizá-las, ela notou o balanço suave das folhas de bordo e sentiu um desejo súbito de vagar pela floresta, de se perder entre as passagens sombreadas. Como uma verdadeira filha da natureza, ela adorava sentir o encanto da vegetação que crescia e oscilava acima dela, sussurrando seus segredos à Terra e ao Céu. Seu pai, percebendo sua inquietação, disse:

— Minha pequena, deixe o trabalho de lado por um instante; vamos caminhar pelo bosque. Em um dia como este, parece que ele nos chama.

Ao saírem, encontraram a Sra. Morton. Ela trazia um buquê de violetas silvestres para Marozia; sua mão tremia ao oferecê-las. Seu rosto estava ainda mais pálido que o habitual e, sob os olhos, notavam-se marcas de sofrimento

— pequenos semicírculos que as noites em claro, passadas na companhia da dor, deixam no semblante humano.

— Eu vinha pedir que você me acompanhasse um pouco, minha querida. Venha ver-me mais tarde; seu pai tem prioridade agora. — O sorriso dela era de uma doçura angelical, tingido por uma tristeza terna. Mais tarde, enquanto Marozia e o pai caminhavam pelo bosque, ela perguntou:

— “O senhor reparou no rosto dela, papai?”

— “Como seria possível não reparar?” — respondeu ele, com fervor.

— “Ela tem um rosto de um Anjo. Rostos assim não são tão comuns entre nós a ponto de não despertarem admiração! Mas, hoje havia algo diferente! Você não notou uma tristeza inexprimível por trás da doçura maravilhosa do sorriso dela?”

— “Sim, minha querida, eu notei. A vida a tocou de muitas maneiras. Uma alma como a dela encontra muitas amarguras ao longo de sua jornada pelas experiências terrenas. Isso, por si só, confere ao rosto uma expressividade versátil e nele imprime uma beleza interior, quase mística.”

— “Mas, meu querido pai”, insistiu Marozia, “ela parece serenamente isenta de vivências pessoais desse tipo! Todas as suas tristezas são pelos outros.”

— “Quem sabe?”, respondeu ele, com emoção. “Ah, minha querida, ninguém consegue enxergar o coração de outra pessoa. Todos nós usamos nossas máscaras e sorrimos sobre nossos túmulos ocultos — se formos sensatos. Perdoe-me, minha pequena... essa foi mais uma das minhas abstrações filosóficas.”. Seu sorriso surgiu como um raio de luz — meio bem-humorado, meio autodepreciativo — ao notar a sombra rápida que cruzou o rosto dela.

— “Mas o pronome pessoal, pai... ah, eu leio nas entrelinhas muito mais do que o senhor imagina!”

— “Nenhuma vida consegue escapar totalmente de sua coroa de sofrimento; contudo, uma grande alma a ostenta com bravura e sorri sobre os pontos de dor. A dela é uma alma real — digna de um trono entre as Hierarquias...” ...e as estrelas.”

— “Ah, agora entendo”, exclamou Marozia de repente. “A maneira como ela cantava certas canções parecia-me a perfeição da arte; mas era perfeita demais para ser apenas arte.”

Enquanto caminhavam em silêncio, Marozia percebeu, pela luz mística no rosto dele, que ele estava em adoração diante de um altar interior; que, nos silêncios profundos de sua vida, sua alma havia encontrado a alma de sua amada.

Mais tarde, ao encontrar a Sra. Morton, Marozia viu-se envolvida por uma atmosfera de terna compaixão — sentimento que, ao saber que os laços com Claude Rathburn haviam sido rompidos, transformou-se em um hino de gratidão.

— “A senhora significou tanto para a pobre Sarah; foi, verdadeiramente, uma estrela de esperança”, disse Marozia ao final da conversa. A Sra. Morton respondeu com um sorriso que parecia celestial:

— “Apenas um marco a apontar para as estrelas, querida.”

— “Nada é, de fato, tão glorioso quanto dissipar as trevas — as trevas espirituais! Isso ganha um novo significado para mim”, acrescentou Marozia, com um brilho profundo no olhar, ao refletir sobre as possibilidades que seu trabalho lhe abria, agora que estava livre para viver a vida que sempre idealizara.

A pétala murcha da rosa havia se fechado e se desprendido de sua vida e, do âmago da flor, emanava uma doce fragrância. Ela já não sentia a limitação de seu horizonte. Podia contemplar os dois Mundos (visível e invisível) e vivia além de ambos. Seu olhar alcançava não apenas além das colinas, além do rio Susquehanna, mas para além das estrelas.